



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL - DTOL

KLÉCIO DOS SANTOS SALUSTIANO

**VULNERABILIDADES E POSSIBILIDADES: FATORES DE RISCO PARA À
IDEAÇÃO E TENTATIVA DE SUICÍDIO EM USUÁRIOS DE UM AMBULATÓRIO
TRANSEXUALIZADOR**

LAGARTO- SE

2025

KLÉCIO DOS SANTOS SALUSTIANO

**VULNERABILIDADES E POSSIBILIDADES: FATORES DE RISCO PARA À
IDEAÇÃO E TENTATIVA DE SUICÍDIO EM USUÁRIOS DE UM AMBULATÓRIO
TRANSEXUALIZADOR.**

Trabalho de conclusão de curso, submetido à
Universidade Federal de Sergipe, como requisito
necessário para obtenção do título de Bacharel em
Terapia Ocupacional.

Orientador(a): Prof. Dra. Sandra Aiache Menta

LAGARTO-SE

2025

KLÉCIO DOS SANTOS SALUSTIANO

VULNERABILIDADES E POSSIBILIDADES: FATORES DE RISCO PARA A
IDEAÇÃO E TENTATIVA DE SUICÍDIO EM USUÁRIOS DE UM AMBULATÓRIO
TRANSEXUALIZADOR

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Departamento de Terapia
Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe
como requisito para obtenção do título de Bacharel
em Terapia Ocupacional.

Lagarto, 29 de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Sandra Aiache Menta

Orientadora



Prof. Dr. Rodrigo Alves dos Santos Silva (DTOL/UFS)

Examinador Interno



Profa. Dra. Késia Maria Maximiano de Melo (UFSM)

Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

A minha família, meus pais e irmãos, por enfrentarem toda essa jornada junto a mim e que me inspiram a procurar ser o melhor de mim em todas as circunstâncias, a minha querida orientadora e mestra, por todo apoio, por todo ensinamento e por sempre acreditar em mim, aos meus amigos, por compartilharem a rotina, as dores e amores, tornando essa jornada mais leve e feliz, por toda troca de conhecimento e experiências, e a todos aqueles que participaram deste processo, direta ou indiretamente, sem vocês nada seria possível, sou extremamente grato, muito obrigado.

RESUMO

O suicídio é o ato fatal de tirar a própria vida, é considerado multifatorial e está presente como agente de mudança na realidade de muitas pessoas e acumula números alarmantes nas últimas décadas, estima-se que esse número entre minorias sexuais, como a população LGBTQIAPN+ é de duas a sete vezes maior que na população cisgênero. Este trabalho teve como objetivo, identificar a prevalência e os fatores associados à ideação suicida entre os usuários de um ambulatório trans. Trata-se de uma pesquisa transversal e descritiva (documental) em um serviço de atendimento às pessoas trans num município do interior do Estado de Sergipe. Os dados referentes ao perfil dos/as usuários/as foram levantados a partir de fichas de avaliação de terapia ocupacional, prontuários, e relatórios de observação ao perfil dos/as usuários/as realizadas no período de 2018 a 2022. Foi avaliada uma amostra de 135 prontuários de usuários que foram atendidos no ambulatório transexualizador, ao qual foi usado como critério de inclusão na pesquisa os usuários que relatavam ideação ou tentativa de suicídio, sendo identificado um total de 38 usuários. A maioria dos participantes identificou-se como homem trans 60,53%, enquanto outros relataram identificações como mulher trans 37,5%. A análise dos fatores de risco revelou que 65,79% dos participantes afirmaram a ideação e tentativa de suicídio em alguma fase da vida, e entre o valor da amostra com o critério de inclusão identificou-se que, 84,21% sofreram violência de algum tipo. Os resultados encontrados corroboram com estudos anteriores que destacam a alta vulnerabilidade de pessoas trans a fatores de risco relacionados a ideação e tentativa de suicídio. Conclui-se que os fatores relacionais e sociais desempenham um papel de extrema importância na vulnerabilidade dessas pessoas, reforçando assim a necessidade de políticas públicas inclusivas e estratégias de apoio psicossocial com direcionamentos.

Palavras-chave: Ideação Suicida; Pessoas trans; Suicídio.

ABSTRACT

Suicide is the fatal act of taking one's own life, it is considered multifactorial and is present as an agent of change in the reality of many people and has accumulated alarming numbers in recent decades, it is estimated that this number among sexual minorities, such as the LGBTQIAPN+ population is 2 to 7 times higher than in the cisgender population. This work aimed to identify the prevalence and factors associated with suicidal ideation among users of a trans outpatient clinic. This is a cross-sectional and descriptive research in a care service for trans people in a municipality in the interior of the State of Sergipe. Data relating to the profile of users were collected from occupational therapy assessment forms, medical records, and observation reports on the profile of users carried out in the period from 2018 to 2022. A sample of 135 medical records of users who were treated at the transsexualization outpatient clinic, which included users who presented suicidal ideation or attempted suicide as an inclusion criterion in the research, with a total of 38 identified users. The majority of participants identified as trans men 60.53%, while others reported identifications as trans women 37.5%. The analysis of risk factors revealed that 65.79% of participants reported suicidal ideation and attempts at some stage of their lives, and between the sample value and the inclusion criteria, it was identified that 84.21% suffered violence from some type. The results found corroborate previous studies that highlight the high vulnerability of trans people to risk factors related to suicide ideation and attempts. It is concluded that relational and social factors play an extremely important role in the vulnerability of these people, thus reinforcing the need for inclusive public policies and targeted psychosocial support strategies.

Key words: Suicidal Ideation; Trans people; Suicide.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODOLOGIA.....	9
2.1 Contextualização do ambulatório e a inserção da Terapia Ocupacional na equipe	10
3 PANORAMA DO SUICÍDIO NO BRASIL E NO MUNDO.....	11
3.1 Suicídio entre jovens.....	11
3.2 Pessoas Trans e suicídio	12
3.3 Fatores de proteção e risco e a população trans.....	15
4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	18
5 DISCUSSÃO	20
6 CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS.....	24
ANEXO 1: FICHA DE AVALIAÇÃO	29

1 INTRODUÇÃO

Considerado multifatorial e multidimensional, o suicídio é um fenômeno que transforma a realidade das pessoas há muito tempo. Com as transformações sociais relacionadas à saúde mental e ao bem-estar, e devido aos índices preocupantes e significativos que apresenta atualmente, estudos têm surgido com maior frequência para identificar os fatores associados a tal incidência (Chinazzo *et al.*, 2021).

Nas últimas décadas, as tendências suicidas têm registrado índices elevados. Essa temática aparece com frequência crescente nos estudos e nos mais variados contextos, como psicologia, saúde mental, trabalho, entre outros. Contudo, em temas relacionados à sexualidade e ao gênero, observa-se uma carência de visibilidade e enfoque (Prodanov; Freitas, 2013).

O suicídio é um ato fatal que expressa o desejo de morrer e pode representar uma tentativa de resolução de um problema que causa intenso sofrimento. Algumas pessoas podem planejar esse ato durante dias, semanas ou até mesmo anos, enquanto outras podem cometer suicídio de forma aparentemente impulsiva, sem premeditação. Apesar de ser impossível prever com certeza, é possível observar diversos indícios (Kaplan; Sadock; Grebb, 1997).

Cerca de 1,5 milhão de pessoas morre a cada ano de morte violenta, incluindo os 800.000 de suicídio, segundo os autores do estudo. “Estes números são inaceitáveis porque o suicídio pode ser evitado por uma política de prevenção”, declara o diretor de Saúde Mental da OMS. Em 2012, no Brasil foram registradas 11.821 mortes por suicídio, sendo 9.918 de homens e 2.623 de mulheres, uma taxa de 6% para cada 100.000 (Fiocruz, 2014).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou que, em 2020, aproximadamente 1,53 milhão de pessoas no mundo consumaram o suicídio, e o número de tentativas foi de dez a vinte vezes maior. Isso corresponde a uma morte por suicídio a cada vinte segundos e uma tentativa a cada dois segundos (Costa; Pereira, 2021).

A mortalidade por suicídio supera o número de mortes causadas por homicídios e guerras, configurando-se como uma problemática significativa para a saúde pública. O suicídio está entre as três principais causas de morte entre jovens de 15 a 35 anos. O impacto psicossocial do suicídio sobre as famílias é imensurável (Bertolote, 2000).

Estima-se que a taxa de tentativas de suicídio entre minorias sexuais – indivíduos LGBTQIAPN+ que têm atrações sexuais/românticas pelo mesmo sexo ou por ambos os sexos e que não se enquadram no padrão heteronormativo – seja de 2 a 7 vezes maior do que entre heterossexuais (Fraser *et al.*, 2018).

As pessoas trans têm sido historicamente submetidas a relações de poder e dominação que as tornam invisibilizadas e abjetas. Essa condição as impede de serem compreendidas a partir de suas performances de gênero, já que rompem com a lógica hegemônica (Santana *et al.*, 2021).

Nas sociedades ocidentais, caracterizadas por um sistema de gênero binário, pessoas trans enfrentam estigmatização, exclusão social e falta de reconhecimento. Aquelas que optam pela transição de gênero frequentemente vivenciam situações de risco social, econômico e legal, enfrentando discriminação e problemas de saúde física e mental (Mattos; Cidade, 2016).

A patologização das orientações LGBTQIAPN+ influenciou historicamente a pesquisa e a prática profissional, ignorando o impacto do estigma como fator de estresse minoritário (Günther, 2006). O preconceito e a discriminação relacionados ao estigma vivenciados por essas pessoas são eventos cronicamente estressantes, que podem levar a consequências negativas para a saúde, incluindo sofrimento psicológico elevado (Kelleher, 2009).

Os sintomas depressivos estão relacionados a uma interação complexa entre fatores sociais, culturais, biológicos e psicológicos. Esses sintomas podem ser desencadeados por eventos adversos, como luto, desemprego e traumas, causando dificuldades em diversos aspectos da vida, inclusive no âmbito familiar e comunitário (Budhwani *et al.*, 2018).

A reflexão sobre o suicídio revela fatores importantes para todas as esferas da sociedade, especialmente para grupos que sofrem com a ausência de direitos fundamentais. Segundo Mattos e Cidade (2016), as trajetórias de pessoas trans costumam ser marcadas por exclusões, colocando-as em situações de opressão e sofrimento. Por isso, é fundamental identificar os fatores que desencadeiam esses eventos para permitir intervenções preventivas e políticas públicas eficazes (Costa *et al.*, 2015).

Embora o suicídio seja uma das principais causas de morte no mundo, o tema ainda é tratado como tabu. No entanto, a sua alta incidência evidencia a necessidade de debater políticas públicas e abordar questões relacionadas à saúde mental da

população transexual e travesti, visando garantir melhorias na qualidade de vida e reduzir a vulnerabilidade desses grupos (Gomes *et al.*, 2022).

Segundo Benevides (2021), a falta de reflexão sobre essa temática fortalece estigmas sociais que associam a transexualidade a ideação suicida, ansiedade e depressão, ignorando os benefícios alcançados em ambientes acolhedores e com acesso a tratamentos de saúde. Isso reforça a importância de considerar fatores de risco e proteção.

A escassez de pesquisas sobre o tema evidencia a vulnerabilidade desse grupo populacional e a relevância de ações voltadas às suas necessidades. Tais iniciativas reforçam a necessidade de implementar políticas públicas específicas, que reconheçam essa problemática como um desafio de saúde pública (Haller; Portes; Lugo, 2015).

O presente trabalho, por meio de uma pesquisa descritiva e documental análise de dados obtidos em prontuários de usuários de um ambulatório especializado, propõe-se a identificar os principais preditores relacionados à ideação ou tentativa de suicídio em pessoas trans, analisando a incidência desses eventos.

2 METODOLOGIA

Segundo Barreto e Honorato (1998), a metodologia de pesquisa deve ser compreendida como um conjunto sequencial de métodos e técnicas, a serem executados cientificamente ao longo do processo investigativo. Tal abordagem permite alcançar os objetivos propostos com maior agilidade, menor custo, confiabilidade das informações e eficácia.

Foi realizada uma pesquisa documental, transversal e descritiva em um serviço de atendimento a pessoas trans, localizado em um município do interior do Estado de Sergipe. Os dados referentes ao perfil dos/as usuários/as foram levantados a partir de fichas de avaliação de terapia ocupacional (Anexo 1), prontuários e relatórios de observação sobre o perfil desses/as usuários/as, produzidos no período de 2018 a 2022. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário de Aracaju, conforme Parecer Consubstanciado nº 4.791.286, CAAE: 43127521.5.0000.5546, em conformidade com a Resolução nº 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

A pesquisa teve como tema central a análise da incidência de ideação suicida entre usuários/as de um ambulatório transexualizador, buscando identificar os possíveis preditores relacionados à ocorrência de tentativas de suicídio nesse grupo.

No ambulatório, o terapeuta ocupacional desempenha a função principal de realizar o primeiro atendimento (acolhimento). Durante o acolhimento, são coletados dados sobre o cotidiano do/a usuário/a e identificado as demandas que motivaram a busca pelo serviço.

Após o acolhimento, os casos são discutidos em uma supervisão, entre o responsável técnico, Terapeuta Ocupacional do serviço e os estagiários que compõem a equipe de Terapia Ocupacional do ambulatório, durante essa discussão são analisados alguns pontos relevantes que ocorreram durante o acolhimento dos usuários/as, como a captação e análise de demandas para realizar o plano terapêutico e prosseguir com o acompanhamento desses usuários/as.

Foram levantados dados referentes às seguintes categorias: idade/data de nascimento, gênero, escolaridade, composição e relações familiares, atividades de lazer, afirmação de ideação ou tentativa de suicídio, e histórico de violência de qualquer tipo sofrida.

Trata-se de uma pesquisa documental, descritiva e quantitativa. Até o momento, o material não havia sido submetido a tratamento analítico, a pesquisa documental corresponde à investigação em documentos internos ou externos de instituições e é utilizada tanto na pesquisa quantitativa como na qualitativa (Silva,2020). Para a análise dos resultados, foram utilizados quadros e percentuais, permitindo uma discussão mais detalhada dos dados coletados.

2.1 Contextualização do ambulatório e a inserção da Terapia Ocupacional na equipe

O ambulatório transexualizador foi criado em 2015 como uma ação de extensão da Universidade Federal de Sergipe (UFS), no Campus Universitário Prof. Antônio Garcia Filho – Lagarto, inicialmente oferecendo atendimentos fonoaudiológicos.

Em 2016, professores dos cursos de Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia e Medicina da UFS passaram a integrar a equipe do ambulatório, ampliando os serviços oferecidos. No ano seguinte, em 2017, o ambulatório foi oficialmente incluído como cenário de prática para o Estágio Obrigatório do curso de Terapia Ocupacional da UFS, com aprovação do colegiado do curso.

Em 2018, por meio de uma contratualização entre a Universidade Federal de Sergipe, o Hospital Universitário de Lagarto (HUL) e a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), foi proposta a criação de um ambulatório especializado voltado às demandas específicas de travestis e transexuais, tanto femininas quanto masculinas. O objetivo principal era constituir um espaço de desenvolvimento de estratégias e ações que promovessem a integralidade do cuidado, a humanização da atenção e um atendimento livre de discriminação, com enfoque na promoção da saúde, na prevenção e na assistência.

Nesse contexto, a prática terapêutica ocupacional junto à equipe do ambulatório desenvolveu-se com base em ações de atenção à saúde dessa população. Essas ações foram realizadas por meio de atividades individuais e grupais, atuando como formas de mediação do ser sócio-ocupacional. Como resultado, foram implementadas estratégias voltadas ao fortalecimento do pertencimento sociocultural e econômico, à organização da vida cotidiana, ao desenvolvimento de projetos de vida e ao fortalecimento das redes de suporte social.

3 PANORAMA DO SUICÍDIO NO BRASIL E NO MUNDO

O suicídio é considerado a trágica perda da vida humana, e o mais devastador é que resulta de um ato "voluntário". Por que algumas pessoas são contra si mesmas? Quais são os fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais que contribuem para o desejo de interromper a vida? O que leva um indivíduo a escolher pôr fim à sua existência? A visão sobre o suicídio tem passado por transformações ao longo da história, sendo assim, foi considerado tradição em algumas culturas, uma opção aceitável em outras, um pecado na Idade Média e, mais recentemente, um sinal de doença mental na atualidade (Kurcgant; Wang, 2004).

Trata-se de um fenômeno complexo e multicausal, com impacto tanto individual quanto coletivo, que pode afetar pessoas de diferentes origens, sexos, culturas, idades e classes sociais. Sua etiologia está relacionada a uma gama de fatores, os quais incluem: aspectos sociológicos, econômicos, culturais, políticos, psicológicos, psicopatológicos e biológicos. A grande maioria das pessoas que tenta ou comete suicídio geralmente apresenta algum transtorno mental, sendo a depressão o mais frequente (Silva *et al.*, 2024).

O suicídio é a culminação de um processo que abrange desde a ideação e o planejamento até as tentativas. A tentativa de suicídio é definida como um ato autodestrutivo com o objetivo de tirar a própria vida e aliviar um sofrimento intenso. A prevalência de tentativas de suicídio ao longo da vida varia entre 3% e 5%. Além disso, para indivíduos que tentam suicídio aos 20 anos, a expectativa de vida pode ser reduzida em até 18 anos nos homens e 11 anos nas mulheres (Davila-Cervantes; Luna-Contreras, 2024).

O suicídio representa um grave problema de saúde pública, sendo amplamente reconhecido como um fenômeno multifatorial. Sua abordagem social é frequentemente dificultada pelo estigma que envolve as pessoas e famílias afetadas. O suicídio é resultado da interação de fatores biológicos, psicológicos, culturais e socioambientais, não podendo ser explicado por uma única causa ou área de estudo (Costa *et al.*, 2015).

Atualmente, mais de 700.000 pessoas morrem por suicídio anualmente, o que equivale a uma morte a cada 40 segundos. Trata-se de um fenômeno global que pode ocorrer ao longo de toda a vida. Intervenções eficazes e baseadas em evidências

podem ser implementadas nos níveis populacional, subpopulacional e individual para prevenir tanto o suicídio quanto as tentativas (Shneideider *et al.*, 2015).

Estima-se que, para cada adulto que morre por suicídio, ocorram cerca de 20 tentativas. Em 2019, 77%) dos suicídios ocorreram em países de baixa e média renda, sendo o suicídio uma das principais causas de morte naquele ano (Silva, 2019).

O suicídio é responsável por 1,3% de todas as mortes no mundo, tornando-se a 17ª principal causa de mortalidade globalmente. Na última década, o Brasil enfrentou um preocupante aumento no número de suicídios, consolidando esse problema como uma questão grave de saúde pública que afeta diversas populações. Em 2021, mais de 15,5 mil suicídios foram registrados no país, correspondendo a uma morte a cada 34 minutos. Essa estatística posiciona o suicídio como a 27ª causa de morte no Brasil e a terceira principal entre a população jovem (Escobar; Arruda; Lorena, 2024).

Estudos realizados no Brasil indicam uma elevada taxa de ideação suicida entre adolescentes, resultado de diversos fatores de risco aos quais essa população está exposta. Diferenças culturais, regionais, socioeconômicas, entre outras, influenciam os índices de prevalência de ideação suicida. Dessa forma, torna-se essencial realizar estudos semelhantes em diferentes cidades e regiões do país, com o objetivo de identificar variáveis associadas ao comportamento suicida. A perda precoce de adolescentes por suicídio é uma tragédia que pode e deve ser evitada (Moreira; Bastos, 2015).

3.1 Suicídio entre jovens

A adolescência é compreendida como uma construção social que impacta a subjetividade do indivíduo, e não como uma etapa natural do desenvolvimento humano. Essa fase é marcada por características únicas, tanto coletivas quanto individuais, exigindo uma articulação entre família e sociedade para promover adequadamente a qualidade de vida. Contudo, caso ocorra alguma fragilidade nesse vínculo, por qualquer motivo, a população adolescente tende a apresentar maior vulnerabilidade, o que pode favorecer o surgimento de sofrimento psíquico (Zinn; Huntley; Keating, 2020).

Atualmente, reconhece-se que a depressão maior é cada vez mais comum, debilitante e recorrente entre adolescentes, apresentando altos índices de mortalidade associados ao suicídio. Isso constitui uma grande preocupação para a saúde pública,

especialmente porque grande parte dos casos não é notificada nem encaminhada para tratamento. A identificação de sinais como alterações de humor, hostilidade com pessoas próximas e longos períodos de isolamento de atividades grupais devem ser cuidadosamente observada (Bahls, 2002).

Em 2019, o suicídio foi identificado como a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no mundo, ficando atrás apenas das lesões no trânsito, tuberculose e violências interpessoais (Baldaçara *et al.*, 2020). No Brasil, o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) apontou o suicídio como a segunda principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos e a quarta entre jovens de 20 a 29 anos (De Oliveira Barbosa; Macedo; Da Silveira, 2011).

O consumo de substâncias psicoativas e álcool durante a infância e adolescência está diretamente relacionado aos casos de suicídio entre os mais jovens. Segundo Alvares *et al.* (2022), psiquiatra e presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, "o abuso de álcool e outras drogas atua como um fator desencadeador do suicídio, que está frequentemente associado à depressão e aos transtornos afetivos". Esse fator é responsável por 36% a 37% da população que comete suicídio (Brasil, 2021).

Jovens que vivem em situações de vulnerabilidade sentem-se aprisionados por carências e falta de oportunidades, o que impede a realização de seus sonhos e planos. Contextos sociais e institucionais que não favorecem o pertencimento dificultam a construção da identidade juvenil, podendo gerar rupturas e grandes sofrimentos (Selosse, 1997).

Por outro lado, jovens das classes média e alta podem se ver pressionados por exigências de sucesso profissional e pessoal. A necessidade de serem brilhantes e ultra produtivos, aliada à pressão social e familiar, pode resultar em problemas de memória, cansaço constante, cobranças, ansiedade, depressão e sintomas físicos (Pereira, 2014).

Entre os fatores de risco associados ao comportamento suicida na adolescência estão o isolamento social, a impulsividade, o bullying e o histórico familiar de depressão ou suicídio. Embora esses fatores sejam indicativos de alerta para a saúde mental dessa população, não se pode atribuir ao suicídio uma única causa, já que se trata de um fenômeno complexo e multicausal (Silva, 2019)."

3.2 Pessoas Trans e suicídio

Os transexuais são pessoas que nascem com um determinado sexo biológico, mas sentem que pertencem ao gênero oposto. Não apresentam nenhuma patologia em sua aparência ou na estrutura física sexual, mas sentem que o corpo com o qual nasceram não corresponde à sua identidade de gênero. Isso pode resultar em disforia em várias partes e características corporais, desencadeando um processo de adoecimento mental em muitos casos (Picazio, 1999).

As pessoas trans têm uma maior prevalência ao acometimento pela depressão, quando comparada a população cisgênero, os mecanismos biológicos e sociais agem de forma conjunta, em tal sinergia que expõem esse grupo a altos níveis de estresse social a longo prazo, juntamente com essas experiências de rejeição social, violências e abusos de substâncias psicoativas, que acabam contribuindo para o desenvolvimento de problemas de saúde mental como depressão e ansiedade (Witcomb *et al.*, 2018).

Os determinantes aos quais esse grupo está exposto na sociedade, assim como suas características próprias, estão diretamente relacionados às vulnerabilidades de saúde desta população. Além disso, os níveis de envolvimento em comportamentos de risco à saúde dentro da comunidade LGBTQIAPN+ são muito amplos, ademais as subcategorias de gênero que são tradicionalmente condensadas, evidenciam riscos ainda maiores, de vários preditores no âmbito dos riscos, quando analisadas separadamente (Corrêa *et al.*, 2020).

Esse problema de saúde pública constitui-se em um agravante à saúde em múltiplos fatores com a tendência temporal e magnitude dos coeficientes, sendo afetadas pelos contextos social, econômico, político, religioso e características do sujeito. Nesse contexto, a população de travestis e transexuais encontra-se em maior risco de morte por suicídio do que a população geral, devido à sua exposição a eventos estressores associados ao preconceito que vivenciam todos os dias (Meyer, 2003).

Se torna fundamental o reconhecimento das vulnerabilidades às quais as pessoas transgênero enfrentam durante a vida, assim como a garantia de um atendimento e cuidado que respeite a sua singularidade, proporcionando abrangência e humanização. A parceria entre os serviços de saúde, os coletivos sociais voltados a

essa população e as instituições de ensino superior, que proporcionam treinamento e formação de profissionais de saúde para o acolhimento e atendimento das demandas de pessoas trans se torna necessária (Silva *et al.*, 2024).

A discriminação e a vitimização, são fatores preditores para o desenvolvimento da ideação e do suicídio dessa população, desse modo, a possibilidade de não vivenciar essas situações se torna de suma importância para a diminuição da incidência desses fatores. A conexão e construção de vínculo com pessoas da mesma comunidade impacta positivamente, assim como a aplicação de leis antidiscriminação que fortalecem a participação social e a garantia dos direitos das pessoas trans (Silva; Pereira, 2021).

Atualmente ainda existe uma carência em estudos e matérias sobre a saúde mental das pessoas trans. Além disso, o Brasil apresenta um dos maiores índices de homicídios de pessoas trans, indicando assim a alta prevalência de preconceito e de violência a esse grupo, as atitudes negativas direcionadas às pessoas trans por serem trans, é chamada de transfobia, esse fator acaba por muitas vezes limitando o direito a suas identidades e corpos, bem como seus direitos civis, de exercer e desempenhar os seus papéis sociais de forma justa (Lins *et al.*, 2024).

3.3 Fatores de proteção e risco e a população trans

Compreende-se a resiliência na interação entre proteção e risco, e no modo como estes se apresentam nos diferentes contextos de desenvolvimento. Além disso, diante de alguns eventos estressantes, pode-se ser resiliente, enquanto diante de outros não, uma vez que a avaliação subjetiva da pessoa sobre o evento estressor também está presente, além da interação entre proteção e riscos (Borges; Zingler, 2013).

Bertolote (2000), o qual separou os fatores de proteção entre o cognitivo e a personalidade, fatores culturais, ambientais e o padrão familiar, os sentimentos de valor pessoal, confiança em si, reconhecimento e disposição de buscar ajuda quando necessário, habilidades de comunicação e abertura de experiências alheias são alguns fatores em estilo cognitivo e de personalidade destacados, esses fatores são muito importantes e formam uma rede de proteção para o indivíduo (Cerqueira; Albuquerque lima, 2015).

A ação dos fatores de proteção e seu reflexo na ocorrência dos jovens diante de problemas que surgem em suas vidas pode amenizar riscos, intensificando recursos para lidar melhor com eventos estressantes e alcançar avanços positivos. Por outro lado, a ausência de fatores de proteção, combinado com a presença de fatores de risco, resulta em menos recursos para enfrentar as situações, aumentando as chances de eventos negativos e acarretando vulnerabilidade no desenvolvimento de sociais e emocionais (Pesce *et al.*, 2004).

Observe-se que a qualidade das relações familiares constitui uma rede de apoio importante, uma vez que, comumente, é a relação social mais próxima nessa população. A qualidade dessa relação pode ajudar na superação de problemas e, assim, encontrar novas formas de solucioná-los. Isso pode acarretar a diminuição dos pensamentos suicidas ou na resistência dos mesmos (Pereira *et al.*, 2018).

Ao contrário dos fatores de proteção, os fatores de risco se relacionam com características e eventos negativos que ocorrem durante a vida, e sua presença aumenta as chances de problemas sociais, emocionais e físicos de se manifestarem de forma acentuada. Estes fatores tendem a aumentar a vulnerabilidade dos indivíduos que se encontram nas situações adversas, e cada um pode reagir de maneira singular a estes fatores. Portanto, não é apenas a presença de determinados fatores que define seu impacto na vida do indivíduo, mas também a intensidade, a frequência e a maneira como são interpretados pelos indivíduos (Poletto; Koller, 2008).

A transgeneridade é uma experiência única e identitária, que é geralmente marcada por lutas internas e sofrimentos, a dualidade contraditória entre corpo físico e gênero com o qual o indivíduo se identifica, pode gerar um desconforto, o que impulsiona o indivíduo muitas vezes a buscar um processo de transição social e física. O indivíduo busca sua autoaceitação e reconhecimento como também a aceitação do outro, dos seus familiares e amigos, fortalecendo a si mesmo, para se colocar perante a sociedade de uma forma mais segura, sabendo de todos os preconceitos, discriminações e violências sofridas na comunidade LGBTQIAPN+ (Bomtempo; Mendes, 2020).

A discussão sobre o processo de adoecimento que a população LGBTQIAPN+ acaba sofrendo, também requer que os conceitos de identidade de gênero e identidade sexual sejam especificados. Bahls (2002) enfatiza que a abreviatura LGBTQIAPN+ pode ser enganadora, já que o primeiro grupo (LGB) faz referência à

categoria de lésbicas, gays e bissexuais, que podem ser compreendidos como identidades sexuais. E o segundo grupo, representado pela sigla T, é utilizado para se referir aos transgêneros (transexuais e travestis), que podem ser compreendidos como formas de identidade de gênero. Mesmo que todos passem por um processo de adoecimento, o percurso e a trajetória em que cada um deles percorre e as situações que passam são diferentes e singulares em cada caso (Cardoso; Ferro, 2012).

As condições em saúde vivenciadas por pessoas trans, principalmente as que são profissionais do sexo são marcadas por diversos fatores negativos, exclusão social, estigma, discriminação e a dissidência de gênero, são iniquidades sociais que dificultam o acesso dessas pessoas a serviços essenciais como educação, lazer e saúde, esses processos são resultante de estruturas de poder e regulação social que inviabilizam a participação digna dessas pessoas na sociedade, culminando a criação de cenários de vulnerabilidade, que potencializam de alguma forma a entrada no mercado de trabalho sexual (Santana *et al.*, 2021).

A inconformidade com o gênero apresenta influência no comportamento suicida, apresentando predisposição desses indivíduos a discriminação e comportamentos lesivos a saúde, eles relatam maior incidência em episódios de transfobia e discriminação. Os homens trans tem uma maior inclinação ao uso de drogas ilícitas, tabagismo e álcool, devido a maior dificuldade de aceitação social, já os que têm uma maior renda, níveis educacionais e são mais velhos são mais propensos a adquirir hábitos saudáveis e apresentam prevalência inferior de ideação suicida (Mattos; Cidade, 2016).

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Foi avaliada uma amostra de 135 prontuários de usuários que foram atendidos no ambulatório transexualizador entre os anos de 2018 e 2022, ao qual foi usado como critério de inclusão na pesquisa os usuários que apresentaram ideação ou tentativa de suicídio, sendo identificado um total de 38 usuários.

Sobre a variável da quantidade de usuários atendidos durante os anos da amostra dessa pesquisa. No ano de 2018 houve um total de 27 atendimentos entre os meses de agosto e dezembro, em 2019, 8 atendimentos, entre os meses de agosto e dezembro, no ano de 2020 foi contabilizado um total de 23 atendimentos entre os meses de julho e dezembro, já em 2021 houve um total de 42 atendimentos, entre os meses de julho e novembro e por fim em 2022 o último ano da amostra foi contabilizado um total de 35 atendimentos, entre os meses de junho e novembro. Durante esses 5 anos, ao total 135 atendimentos foram contabilizados entre homens trans e mulheres trans.

Em relação a identidade de gênero, 60,53% eram homens trans e 37,5% mulheres trans. Sobre a variável de ideação e tentativa de suicídio, da amostra dos 38 quantificados pelo critério de inclusão, 100% apresentaram somente ideação e 65,79% apresentaram ideação e tentativa de suicídio. Quanto ao histórico de violência de qualquer tipologia 84,21% relataram ter sofrido. Sobre ter uma boa relação familiar apenas 28,95% responderam que sim. Quanto às atividades de lazer, 60,53% relataram que possuem algum tipo de atividade. Sobre o nível de escolaridade, 34,21% possuem o ensino médio completo. O quadro 1 ilustra essas informações:

Quadro 1 - Características e informações dos usuários atendidos no ambulatório transexualizador.

	VARIÁVEIS	N	%
Identidade de gênero	Homem trans	23	60,53
	Mulher trans	15	37,5
Histórico de violência	Qualquer tipologia	32	84,21
Boa relação familiar	Sim	11	28,95
	Não	27	71,05
Atividades de lazer	Sim	23	60,53
	Não	15	37,5
Ensino médio completo	Sim	13	34,21
	Não	15	65,79
Apresentou ideação suicida	***	38	100
Apresentou ideação e tentativa de suicídio	***	25	65,79

Fonte: Autoral, 2025.

(***) sem variável

Os dados coletados, retirados da ficha de avaliação dos usuários/as, revelaram o perfil sociodemográfico dos usuários/as atendidos no ambulatório transexualizador que relataram ideação ou tentativa de suicídio durante algum período da vida, totalizando 38 participantes, com idades variando entre os 16 e 41 anos, com idade média de 28,5 anos.

A maioria dos participantes identificou-se como homem trans 60,53%, enquanto outros relataram identificações como mulher trans 37,5%. A análise dos fatores de risco revelou que 65,79% dos participantes relataram ideação e tentativa de suicídio em alguma fase da vida, e entre o valor da amostra com o critério de inclusão identificou-se que, 84,21% sofreram violência de algum tipo.

Considerando que uma boa relação familiar, a presença de lazer como fatores de proteção para a suicídio, o resultado encontrado deste estudo foi de 11 (28,95%) e 23 (60,53%) respectivamente que apresentaram esses fatores de proteção presente.

Como vulnerabilidades, entre tantas o histórico de violência foi relatado por 32 (84,21%) participantes. Apresentando como principal preditor de risco ao suicido entre esta população estudada.

Em relação escolaridade (34,21%) apresentavam até o ensino médio completo. Dos 135 pacientes atendidos no ambulatório durante o período da amostra 38 usuários/as apresentaram ideação ou tentativa de suicídio, constituindo uma prevalência de aproximadamente 28,15%.

Foi utilizada a triangulação metodológica que, de acordo com (Guion, 2002) é uma estratégia de validação de pesquisa que pode ser utilizada de diferentes formas, combinando as diferentes fontes de dados, como as entrevistas e questionários, para enriquecer a análise. Os achados foram contrastados com estudos epidemiológicos, com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças, contribuindo para a construção de algo mais concreto.

5 DISCUSSÃO

A população transexual, sempre esteve na ponta de lança dos preconceitos e das discriminações existentes no Brasil com a população LGBTQIAPN+. Isso ocorre porque essa população ostenta uma identidade de gênero diversa da imposta pelos padrões heteronormativos, em que existem apenas 2 gêneros, e qualquer coisa que fuja dessa norma é encarada com estranhamento. No entanto, ressalta-se que a identidade de gênero não está vinculada ao sentido binário do homem e mulher, já que pode ocorrer a diferenciação (Cerqueira et al., 2020).

Os resultados deste estudo indicam que fatores como violência, ausência de uma boa relação familiar, exclusão social e falta de escolaridade têm uma relação com a incidência de ideação ou risco de suicídio entre os usuários assistidos pelo ambulatório trans. Isso corrobora a literatura que destaca a vulnerabilidade em diversos aspectos que afetam essa população, evidenciando a importância do acesso efetivo dessas pessoas a fatores de proteção (Brasil, 2021).

O apoio social configura-se como um dos fatores de proteção de maior influência positiva no desenvolvimento dos seres humanos, sendo avaliado como a relação que o sujeito estabelece com o sistema social ao qual pertence e o grau em que as relações interpessoais atendem a determinadas funções ou necessidades. Esse apoio inclui o compartilhamento de informações, a diminuição dos efeitos do estresse, o auxílio em momentos de crise ou enfermidades e em situações que exigem ajustamento social (Paludo; Koller, 2004).

Pesquisas alertam sobre os altos índices de sintomatologia e agravos à saúde mental de pessoas trans. Os fatores de risco e proteção estão diretamente ligados a tais índices. Fatores como discriminação social, violências, estigma, privação da participação social e dificuldades no processo de afirmação de gênero são vistos como preditores que contribuem para o elevado número de suicídios na população transsexual (Alvares et al., 2022).

O impacto da discriminação como preditor do suicídio, identificado neste estudo, está em consonância com os achados de Corrêa et al. (2020), que relataram altos índices de ideação e tentativa de suicídio em populações trans marginalizadas. Esses fatores, juntamente com questões relacionadas ao entendimento do próprio gênero, são amplamente evidenciados em outros estudos.

Ansiedade, abuso familiar, falta de suporte, experiências impactantes relacionadas ao gênero e transfobia internalizada são elementos frequentemente apontados por autores como fatores de risco para tentativa de suicídio nessa população (Kota *et al.*, 2020).

Em relação à população geral, pessoas transgênero enfrentam um risco maior de ideação suicida, tentativas e morte por suicídio. Violências física, sexual e verbal estão associadas ao histórico de tentativas, assim como experiências dolorosas, automutilação, abuso de substâncias e estresse de minoria. Esses fatores podem aumentar a propensão ao suicídio (Wolford-Clevenger *et al.*, 2018).

A baixa autoestima e a ideação suicida podem estar associadas à internalização de estigmas sociais presentes no cotidiano. Além disso, a falta de acesso à informação e a terapias afirmativas pode agravar esse quadro, gerando riscos psicossociais para essa população (Silva *et al.*, 2021).

Entre a população LGBTQIAPN+, as pessoas trans enfrentam maiores dificuldades para acessar e permanecer nos serviços do SUS. Essa dificuldade não se limita a procedimentos específicos, como a cirurgia de redesignação sexual, mas inclui uma ampla gama de demandas. A transfobia nos serviços de saúde, combinada com opressões relacionadas a raça, cor e classe, é um dos principais obstáculos. O desrespeito ao nome social, por exemplo, é apontado como um fator-chave tanto para a dificuldade de acesso quanto para o abandono do tratamento (Rocon *et al.*, 2016).

Esse cenário reflete os dados de estudos que mostram uma diferença significativa entre populações. Pessoas trans apresentam 77% de ideação suicida e 43% de tentativas, em comparação com 65% e 25%, respectivamente, na população geral, números que resultam da discriminação institucional e social (Adams; Hitomi; Moody, 2017).

Pereira *et al.* (2018) apontam que a vida da população trans está constantemente em vulnerabilidade, com um risco de tentativa de suicídio vinte vezes maior do que o de pessoas cisgêneras. Apoio social, estabilidade emocional e políticas antidiscriminação são essenciais para reduzir a mortalidade nessa população (Budhwani *et al.*, 2018).

O sofrimento advém de um fenômeno social, no cotidiano de vida de cada sujeito, criando explicações de causas aparentemente individuais, mas que são, contudo, políticas e sociais, as relações desiguais de poder nas sociedades contemporâneas explicam e justificam o sofrimento como algo coletivo e social, que

advém de questões macrosociais a coexistência de um sofrimento psíquico juntamente a um sofrimento social, requerendo outras respostas das políticas sociais que não “apenas” as de saúde (Rosa; Malfitano, 2019).

O entendimento sobre preditores de suicídio na população trans reforça a necessidade de maior domínio sobre o tema, auxiliando na elaboração de práticas e intervenções nos serviços de saúde. Programas de triagem do risco de suicídio, apoio psicológico e campanhas educativas podem contribuir para a identificação precoce e redução de desfechos negativos.

Embora a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSILGBT) proponha uma nova abordagem para o atendimento à população trans, persistem inseguranças relacionadas às vivências dessa população. O desrespeito ao nome social, a falta de atendimento especializado e dificuldades no acolhimento reforçam essas barreiras (Rocon *et al.*, 2019).

O cuidado humanizado, baseado na escuta ativa, no diálogo e na transversalidade, promove relações de confiança entre usuários e profissionais, respeitando singularidades e necessidades de saúde (Brasil, 2009).

Este estudo, limitado pelo contexto específico do ambulatório, não pode ser generalizado para toda a população trans. Além disso, o tamanho reduzido da amostra compromete o poder estatístico das análises, exigindo cautela na interpretação dos resultados. Problemas como localização do ambulatório e funcionamento restrito também dificultam a representatividade, evidenciando a necessidade de mais recursos para implementação de políticas públicas (Mello, 2011).

Os dados apresentados mostram que a população trans enfrenta barreiras sociais e estruturais significativas, afetando sua participação social e qualidade de vida. A compreensão dos fatores de risco e proteção é essencial para mitigar os altos índices de ideação suicida. Este estudo destaca a importância de ações afirmativas nos serviços de saúde e de avanços em práticas inclusivas, promovendo o bem-estar da população trans e uma sociedade mais equitativa.

6 CONCLUSÃO

Este estudo objetivou analisar os preditores que levam a ocorrência de ideação e tentativa de suicídios nos usuários/as de um ambulatório transexualizador, tentando compreender a influência dos fatores de risco e proteção que circulam a realidade e o cotidiano de uma população frequentemente vulnerável.

Nessa arena de possibilidades e vulnerabilidades para a ideação e tentativa de suicídio entre este grupo, podemos afirmar que os fatores de risco são muito maiores que os fatores de proteção, sendo necessário trazer a luz esses achados para que as equipes que compõem os ambulatórios transexualizadores no país levem em conta essas variáveis para uma melhor assistência à saúde integral dos usuários/as destes serviços.

Apesar das limitações e desafios metodológicos, esse estudo possui o potencial de oferecer valiosos *insights* para ampliar os conhecimentos e melhorar a prática clínica, oferecendo uma base para práticas com uma maior eficácia e enfoque, a partir de estratégias de prevenção no combate à ideação e tentativa de suicídio na população trans. Além disso, a construção de um serviço com maior integralidade, o investimento em políticas públicas intersetoriais e a capacitação das equipes de saúde são intervenções essenciais para aumentar a conscientização sobre os desafios específicos enfrentados por essa população.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Noah; HITOMI, Maaya; MOODY, Cherie. Varied reports of adult transgender suicidality: Synthesizing and describing the peer-reviewed and gray literature. **Transgender health**, v. 2, n. 1, p. 60-75, 2017.

ALVARES, Joana *et al.* Saúde mental de pessoas transgênero: revisão integrativa de literatura. **Psi Unisc**, v. 6, n. 2, p. 143-160, 2022.

BAHLS, Saint-Clair. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes: clinical features. **Jornal de pediatria**, v. 78, p. 359-366, 2002.

BALDAÇARA, Leonardo *et al.* Brazilian Psychiatric Association guidelines for the management of suicidal behavior. Part 1. Risk factors, protective factors, and assessment. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 43, p. 525-537, 2020.

BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto; HONORATO, Cezar Teixeira. **Manual de sobrevivência na selva acadêmica**. 2. ed. rev. Brasília: Objeto Direto, 1998.

BENEVIDES, B. G. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em**, 2021.

BERTOLETE, J. Preventing suicide: a resource for general physicians. **World Health Org**, v. 1, p. 1-15, 2000.

BOMTEMPO, Juliana; MENDES, Josimar Antônio. Risco, proteção e empoderamento na adolescência transexual: Reflexões a partir de um estudo de caso. **Lima, Andrade & Cunha. Juventudes: Pesquisas e campos de atuação**, p. 37-52, 2020.

BORGES, Jeane Lessinger; ZINGLER, Veranice Tatiane. Fatores de risco e de proteção em adolescentes vítimas de abuso sexual. **Psicologia em estudo**, v. 18, p. 453-463, 2013.

BRASIL. **População trans ainda é mais vulnerável ao estigma e à discriminação no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85007-populacao-trans-ainda-e-mais-vulneravel-ao-estigma-e-a-discriminacao-no-brasil>. Acesso em: 1 jan. 2025.

BRASIL. Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009-Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. **Diário Oficial da União**, 2009.

BUDHWANI, Henna *et al.* Transgender women's experiences with stigma, trauma, and attempted suicide in the Dominican Republic. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, v. 48, n. 6, p. 788-796, 2018.

CARDOSO, Michelle Rodrigues; FERRO, Luís Felipe. Health and LGBT community: needs and specificities under discussion. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 3, p. 552, 2012.

CERQUEIRA, Yohanna Shneider; ALBUQUERQUE LIMA, Patricia Valle. Suicídio: a prática do psicólogo e os principais fatores de risco e de proteção Suicide: the practice of the psychologist and the principal risk factors and protective. **IGT na Rede ISSN 1807-2526**, v. 12, n. 23, 2015.

Cerqueira, T. D., Denega, A. M. O., & Padovani, A. S. (2020). A importância do nome social para autoaceitação e aceitação social do público "Trans". **Revista Feminismos**, 8(2), 26–39.

CHINAZZO, Ítala Raymundo *et al.* Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 5045-5056, 2021.

CORRÊA, Fábio Henrique Mendonça *et al.* Pensamento suicida entre a população transgênero: um estudo epidemiológico. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v. 69, p. 13-22, 2020.

COSTA, Marcela Rocha; PEREIRA, Lívia de Lima. Transtornos mentais e suicídio: desafios no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 237-246, 2021.

COSTA, Saulo Pereira *et al.* Internações e gastos relacionados ao suicídio em um hospital público de ensino. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 4, n. 2, 2015.

DAVILA-CERVANTES, Claudio Alberto; LUNA-CONTRERAS, Marisol. Suicide attempts in the adult Mexican population: an analysis of sociodemographic characteristics and associated factors. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, p. e240014, 2024.

DE OLIVEIRA BARBOSA, Fabiana; MACEDO, Paula Costa Mosca; DA SILVEIRA, Rosa Maria Carvalho. Depressão e o suicídio. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 14, n. 1, p. 233-243, 2011.

ESCOBAR, Amanda de Moraes Pinto Ribeiro; ARRUDA, Mariana de Fátima Alves; LORENA, José Eudes de. Cuidado aos adolescentes com comportamentos suicidas e autolesivos: o olhar dos profissionais de uma rede de serviços intersetoriais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, p. e34032, 2024.

FRASER, Gloria *et al.* Non-suicidal self-injury, sexuality concerns, and emotion regulation among sexually diverse adolescents: A multiple mediation analysis. **Archives of suicide research**, v. 22, n. 3, p. 432-452, 2018.

GOMES, Denildo de Freitas *et al.* Restrição de políticas públicas de saúde: um desafio dos transexuais na atenção básica. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. e20210425, 2022.

GUION, Lisa A. Triangulation: establishing the validity of qualitative studies: fCS6014/FY394, 9/2002. **Edis**, v. 2002, n. 6, 2002.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, p. 201-209, 2006.

HALLER, William; PORTES, Alejandro; LUGO, Ana María. ***Dreaming a different dream: Educational aspirations of children of immigrants in Spain***. Sociological Forum, v. 30, n. 1, p. 133–154, 2015.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. Transtornos de excreção. **Compêndio de Psiquiatria Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. Ed. 7. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KELLEHER, Cathy. Minority stress and health: Implications for lesbian, gay, bisexual, transgender, and questioning (LGBTQ) young people. **Counselling psychology quarterly**, v. 22, n. 4, p. 373-379, 2009.

KOTA, Krishna Kiran *et al.* Psychosocial mediators of perceived stigma and suicidal ideation among transgender women. **BMC public health**, v. 20, p. 1-10, 2020.

KURCGANT, Daniela; WANG, Yuan Pang. Aspectos históricos do suicídio no Ocidente. **Suicídio: estudos fundamentais**. São Paulo: Segmento Farma, p. 37-52, 2004.

LINS, José Carlos da Silva *et al.* Sofrimento mental, suporte familiar e empoderamento de pessoas transgênero. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 37, p. eAPE02465, 2024.

MATTOS, Amana Rocha; CIDADE, Maria Luiza Rovaris. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, p. 132-153, 2016.

MELLO, Luiz. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás.

MEYER, Ilan H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological bulletin**, v. 129, n. 5, p. 674, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico**. ed. 33, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 445-453, 2015.

PALUDO, S.; KOLLER, S. Inserção ecológica no contexto da rua. **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil**, p. 219-244, 2004.

PEREIRA, Anderson Siqueira *et al.* Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 11, p. 3767-3777, 2018.

PEREIRA, Maria Amélia Dias. O sofrimento psíquico na formação médica: percepções e enfrentamento do estresse por acadêmicos do curso de Medicina. 2014.

PESCE, Renata P. *et al.* Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, p. 135-143, 2004.

PICAZIO, Claudio. **Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade**. Edicoes GLS, 1999.

POLETTTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, p. 405-416, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

ROCON, Pablo Cardozo *et al.* Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 23, p. e180633, 2019.

ROCON, Pablo Cardozo *et al.* Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 2517-2526, 2016.

ROSA, Soraya Diniz; MALFITANO, Ana Paula Serrata. No meio do caminho tinha uma pedra: a história de violência e sofrimento social de jovens adultos com trajetórias de internação em hospital psiquiátrico. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro**, v.26, n.2, abr.-jun. 2019, p.501-518.

SANTANA, Alef Diogo da Silva *et al.* Vulnerabilidades em saúde das pessoas transgênero profissionais do sexo: revisão integrativa. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 30, p. e20200475, 2021.

SÉLOSSE, J. Adolescência, violências e desvios. Paris: Matrice, 1997.

SHNEIDEIDER, Y. *et al.* Suicídio: a prática do psicólogo e os principais fatores de risco e de proteção Suicide: the practice of the psychologist and the principal risk factors and protective. v. 12, p. 457–471, 2015.

SILVA, Ana Carolina; PEREIRA, João Pedro. **A percepção de risco e a prevenção ao suicídio em jovens: uma análise psicológica**. Journal of Behavioral Psychology and Social Studies. v. 26, n. 2, p. 123-135, 2021.

SILVA, Glauber Weder dos Santos *et al.* Fatores associados à ideação suicida entre travestis e transexuais assistidas por organizações não governamentais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. suppl 3, p. 4955-4966, 2021.

SILVA, Glauber Weder dos Santos *et al.* Sintomas depressivos e fatores associados entre travestis e transexuais: estudo transversal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, p. e20230071, 2024.

SILVA, Lucía. Suicídio entre crianças e adolescentes: um alerta para o cumprimento do imperativo global. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 3, p. III-IVI, 2019.

WITCOMB, Gemma L. *et al.* Levels of depression in transgender people and its predictors: Results of a large matched control study with transgender people accessing clinical services. **Journal of affective disorders**, v. 235, p. 308-315, 2018.

WOLFORD-CLEVENGER, Caitlin *et al.* Correlates of suicide ideation and behaviors among transgender people: A systematic review guided by ideation-to-action theory. **Clinical psychology review**, v. 63, p. 93-105, 2018.

ZINN, M. Elizabeth; HUNTLEY, Edward D.; KEATING, Daniel P. Resilience in adolescence: Prospective Self moderates the association of early life adversity with externalizing problems. **Journal of adolescence**, v. 81, p. 61-72, 2020.

ANEXO 1: FICHA DE AVALIAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL DE LAGARTO – DTOL
AMBULATÓRIO TRANS

ENTREVISTADOR: _____ **Data:** ____/____/____

A. Identificação

Nome social: _____

Nome de registro: _____

Idade: _____ CPF /RG _____

Cidade: _____ Número de telefone: _____

Endereço: _____

1. Qual é a sua identidade de gênero? _____

Recusa ()

2. Qual sexo você foi designado no nascimento?

Masculino ()

Feminino ()

Recusa ()

B. Composição familiar

3. Tem pai ou mãe vivos? () Sim () Não –

4. Tem Irmãos? () Sim () Não

Como é a relação familiar?

5. Tem filhos? () Sim () Não. Quantos? _____

6. Com quem vc mora, qual o grau de parentesco e quanto tempo?

C. Formação e trabalho

7. Qual o grau de escolaridade? _____

8. Continua estudar () Sim () Não

9. Se não está estudando, qual o motivo principal:

10. Já fez algum curso? () Sim () Não

Quais _____

11. Trabalha? () Sim () Não

12. () Trabalho formal () Trabalho Informal

Onde: _____

D Renda familiar

13. Qual a renda familiar

Quanto você compõe dessa renda familiar: _____

D. Expectativas e motivações

14. Qual a expectativa do ambulatório? O que espera?

E. Dados específicos

15. Quais são suas habilidades e competências?

F. Lazer

16. Tem atividade de lazer? () Sim () Não. Quais:

17. Você está satisfeito com isso? () Sim () Não. Por que:

G. Estressores ambientais e sociais (preconceito e violência)

18. Já ocorreu? () Sim () Não. Frequência: _____

19. Quais os lugares que mais ocorre? () Rua () Casa () Trabalho () Escola
() Vizinhaça () Outros: _____

Descreva como ocorrem

Como lida com isso?

H. Projetos de vida (sonhos, planos, planejamentos para o futuro...)

I. Expectativas e necessidades

J. Aspectos importantes discutidos durante o atendimento de Terapia Ocupacional
